

Paulo Henrique Dantas

A Legião Urbana

No Contexto Cultural Brasileiro

Astro
síntese

Paulo Henrique Dantas

A LEGIÃO URBANA

No Contexto Cultural Brasileiro

Título Original

“A MORTE E O ADMIRADOR EXALTADO”

*Uma análise antropológica sobre
a idolatria ao cantor Renato Russo*

Monografia apresentada para conclusão do curso de
graduação em Ciências Sociais pela Universidade
do Estado do Rio de Janeiro.

Capa, projeto gráfico e ilustrações:
Carlos Hollanda (astrosintese@ieg.com.br)

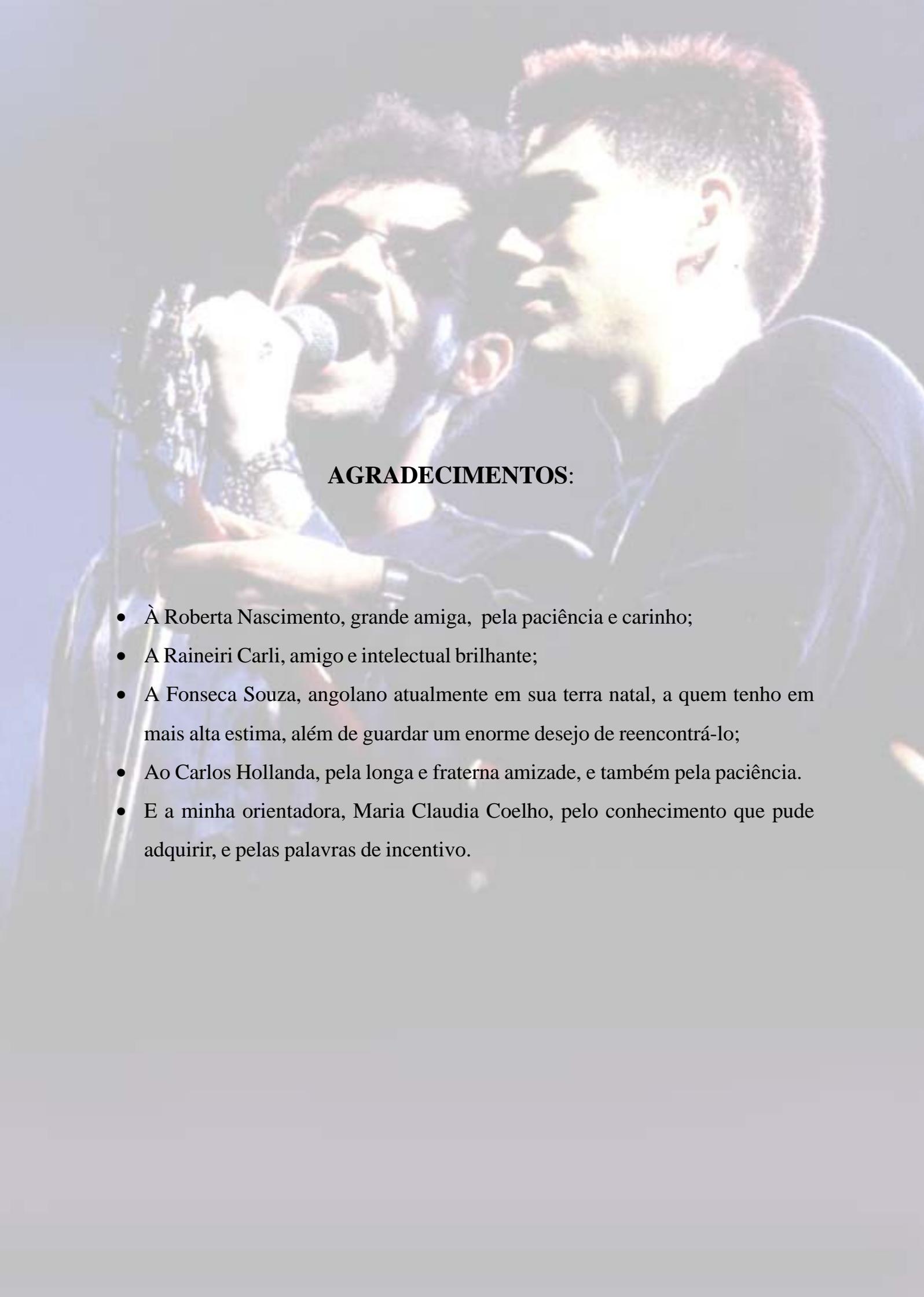
Contatos com o autor: phdantas@aol.com



Edições Astro-Síntese
<http://www.astrosintese.hpg.com.br>
astrosintese@ieg.com.br

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Agradecimentos | 04 |
| Introdução | 05 |
| Capítulo I – A <i>Legião Urbana</i> no contexto cultural brasileiro..... | 08 |
| Capítulo II – Considerações sobre o admirador exaltado | 15 |
| Capítulo III – Histórias de fãs | 24 |
| Conclusão | 31 |
| Referências Bibliográficas | 32 |



AGRADECIMENTOS:

- À Roberta Nascimento, grande amiga, pela paciência e carinho;
- A Raineiri Carli, amigo e intelectual brilhante;
- A Fonseca Souza, angolano atualmente em sua terra natal, a quem tenho em mais alta estima, além de guardar um enorme desejo de reencontrá-lo;
- Ao Carlos Hollanda, pela longa e fraterna amizade, e também pela paciência.
- E a minha orientadora, Maria Claudia Coelho, pelo conhecimento que pude adquirir, e pelas palavras de incentivo.

INTRODUÇÃO

A revista *Show-Bizz* na sua edição de novembro de 1996, publicava quatro cartas de fãs a respeito da morte do cantor Renato Russo:

“O Renato tinha direito de ser tudo: homossexual, viciado, alcoólatra, qualquer coisa. Só não tinha o DIREITO DE MORRER. Ele representava muito para muita gente. O Renato não tinha esse direito, não tinha!!!”

“Há dois anos moro em Madri, na Espanha, e, quando fui verificar a minha correspondência na Internet, caí em depressão profunda. Eu não sou poeta, nem chego aos pés dele, mas não consigo escrever mais, é muito triste a frieza da morte do Renato. Espero que vocês façam uma reportagem à altura do que ele foi para todos nós. Um santo talvez...”

“Hoje é um dos dias mais amargos da minha vida. Sinto um nó no estômago, uma vontade de não falar com ninguém, nunca mais. O Renato não parecia ser um doente de Aids em fase terminal... De qualquer forma, vai continuar para sempre na memória de todos nós. Obrigado, Renato. Muito obrigado por tudo.”

“Como? Será que essa é a única pergunta que passa pela minha cabeça agora? O Renato quis assim e, como disse minha mãe ao me dar consolo: ‘Ele já andava nas estrelas e nós pensando que ainda estava por aqui...’ Obrigado, Renato, por ter escondido a sua doença de nós. Seria um sofrimento a mais.”

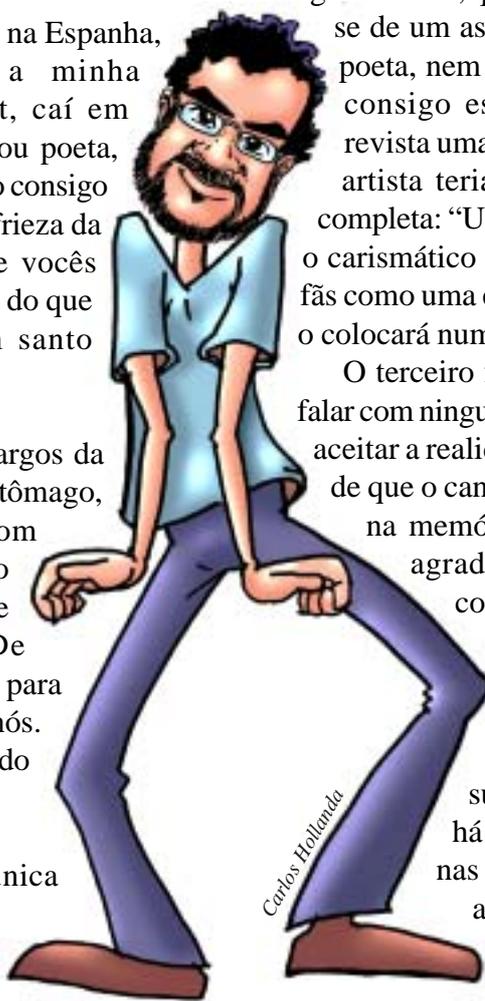
As quatro cartas acima demonstram a perplexidade dos fãs diante da morte de seu maior ídolo. A primeira, em um tom quase desesperado, quer negar o direito à morte do cantor, enquanto as três seguintes, numa atitude de tristeza diante do fato,

aceitam-no como real, restando-lhes manter o ídolo para sempre na memória, e agradecer por tudo que fizera em vida. O fã da primeira carta aceita as opções de vida do ídolo, sejam elas quais forem (no caso, homossexual, viciado e alcoólatra). Se no discurso dos fãs da Legião Urbana, Renato Russo é tratado muitas vezes como “Renato”, numa visível tentativa de torná-lo próximo, quase íntimo, a aceitação de seu estilo de vida já trata de recolocá-lo na condição de alguém especial.

A segunda carta, que deixa subentendido tratar-se de um aspirante a poeta (“Eu não sou poeta, nem chego aos pés dele, mas não consigo escrever mais...”), cobra da revista uma reportagem à altura do que o artista teria sido “para todos nós”. É completa: “Um santo, talvez...” Se em vida o carismático vocalista já era tratado pelos fãs como uma espécie de messias, sua morte o colocará num patamar exclusivo.

O terceiro fã, apesar da vontade de não falar com ninguém “nunca mais”, termina por aceitar a realidade, confortando-se na idéia de que o cantor permanecerá para sempre na memória “de todos nós”. Conclui agradecendo por tudo. A última correspondência deixa clara a necessidade do jovem fã em receber o consolo da mãe, que tenta (como todas as mães) diminuir a dor do filho, sugerindo a partida de Renato há mais tempo: “Ele já andava nas estrelas e nós pensando que ainda estava por aqui...” Mais uma vez a ligação do artista com o “divino” (estrelas - céu, “um santo, talvez”) é ressaltada, desta vez pela mãe do fã, nos abrindo a possibilidade de ambos, mãe e filho, compartilharem a admiração pelo trabalho de Renato Russo.

Creio que podemos imaginar as frases destas correspondências como saindo do coração de cada fã da banda Legião Urbana, uma dor compartilhada por todos. Triste passagem da admiração à dor compartilhada... A própria



decisão de publicar estas em meio a centenas de outras correspondências que teriam chegado à redação da revista estende a divisão da dor: muitos dos jornalistas que lá trabalham, acompanharam desde o início o sucesso do grupo. As quatro cartas acima nos dão uma pequena amostra do impacto da morte do cantor na vida destes e de outros tantos adolescentes, o principal público de suas canções.

Este trabalho apresenta uma análise da relação de idolatria a partir do músico Renato Russo. Considerado um dos cantores e letristas mais talentosos da geração pós-ditadura militar, Russo teria conquistado um lugar cativo na preferência musical dos adolescentes dos grandes centros urbanos. Ainda hoje citado como um dos maiores ídolos da juventude brasileira, sua morte em nada diminuiu o interesse por seu trabalho, e seus discos continuam vendendo com a mesma intensidade¹. Minha idéia, portanto, foi dar voz a algumas destas pessoas que têm em Renato Russo uma espécie de “ponto de



A Legião Urbana no início, com 4 integrantes.

referência” para suas vidas. Este é um fenômeno bem característico das sociedades industriais, o artista (atores, músicos, atletas) conquistando espaços outrora reservados às lideranças políticas e religiosas². Tentar dar uma contribuição para o entendimento destas tendências, através de depoimentos e histórias contadas por estes fãs, aliados a textos de autores que procuraram trabalhar questões relacionadas à comunicação de massas é a tarefa a que se propõe este trabalho, dividido em três capítulos.

No capítulo I procuro apresentar uma breve história da banda, a partir de acontecimentos ligados a Renato Russo. Baseado no livro do jornalista Arthur Dapieve, *O trovador solitário*,

em livros e reportagens de revistas especializadas, e em minha experiência enquanto alguém que acompanhou a trajetória dos músicos desde o seu primeiro sucesso, procurei elaborar um texto que contribuísse para um melhor desenvolvimento do trabalho com um todo.

O segundo capítulo, destinado aos referenciais teóricos, contém algumas idéias e conceitos ligados ao estudo de grupos e a dinâmica da idolatria, destacando os pontos mais importantes a respeito do papel do “líder” e do “liderado” nesta relação. Parto da análise de Sigmund Freud sobre a formação de grupos e a identificação destes com a liderança, para em seguida apresentar argumentos sobre as conseqüências do

rompimento desta ligação no nível físico. A questão da identificação e do rompimento é reforçada através de um ensaio de Umberto Eco, *O mito do Superman*, em que o autor analisa a relação dos leitores de revistas em quadrinhos com seus personagens prediletos. Para tratar da “morte” do ídolo,

cito casos de músicos que ainda hoje mantêm um séquito fiel de seguidores, apoiando o argumento no texto de José Carlos Rodrigues, *Quando a morte é festa*. Sobre a prática de adorar o ídolo morto, procuro traçar um paralelo com a sociedade grega dos tempos homéricos, através do trabalho *A bela morte de Aquiles*, de Jean Pierre Vernant, que apresenta a morte no clamor da juventude como pressuposto para a condição posterior de herói. E para trabalhar a questão do fã e a sua necessidade de ser reconhecido como tal, destaco argumentos de *A experiência da fama*, de Maria Cláudia Coelho.

O terceiro e último capítulo está dividido em quatro histórias “construídas” a partir de

depoimentos e conversas informais com estes fãs³. Os nomes reais foram alterados, e procurei ser o mais fiel aos depoimentos e entrevistas. Por serem todos de outros estados, não tive a possibilidade de realizar nenhuma entrevista pessoalmente. Tive longas conversas por telefone, e posso dizer que estas são os pilares básicos deste capítulo. Enviei muitas perguntas por e-mail, sempre respondidas com boa vontade e rapidez. A opção por estas três histórias se deu mais ao fato de todas elas, além de incluírem elementos contidos nos outros depoimentos, simbolizarem muito bem o perfil do fã como alguém sempre interessado em assuntos relacionados ao seu ídolo, independente da música produzida. Estes três jovens me ligavam cobrando notícias da monografia, e “enchiam” meu correio eletrônico de material que julgavam ter alguma utilidade para mim. Percebia-se com facilidade o prazer que sentiam em falar de Legião Urbana, de suas músicas e das opiniões polêmicas de Renato Russo.

No decorrer destas páginas, cito o texto de Lila Abu-Lughod, *Writing women's worlds – bedouin stories*, que apresenta novas possibilidades para o trabalho antropológico, ao dar plena voz ao grupo analisado, através de suas histórias cotidianas. Procurei, portanto, seguir esta linha na elaboração do último capítulo.

A tarefa de colher depoimentos de membros de fã-clubes da Legião Urbana não se mostrou das mais fáceis. Por motivos que a princípio me deixaram frustrado, não consegui estabelecer contato com muitos destes grupos de pessoas, apesar de minha insistência quase jornalística. Fiz uma relação de 34 fã-clubes da banda espalhados pelo Brasil, o que me dava a impressão de que seria apenas uma questão de tempo, até dispor de um farto material a ser analisado. Estes endereços foram selecionados aos poucos, através de revistas especializadas em música jovem e em páginas na *internet*. Tinha à minha disposição endereços eletrônicos e residenciais, e portanto, uma suposta garantia de ter sempre em mãos algum depoimento. Destes fã-clubes, 14 se

concentravam no estado de São Paulo, 4 em Minas Gerais, 3 em Santa Catarina, 2 no Rio de Janeiro, e o restante, dividiam-se entre Bahia, Ceará, Pará, Espírito Santo, Goiás, Rio Grande do Sul, e no local de origem da banda, Brasília. Escrevi a todos eles, via *internet*, ou através da carta tradicional. Felizmente, os contatos que consegui manter me foram de uma riqueza muito grande, o que de certa forma, diminuiu um pouco a frustração pela falta de interesse da maioria em me responder. Também tive três cartas devolvidas pelo correio, uma indicando mudança de endereço e as outras duas, inexistência de número e do próprio endereço.

A estes jovens que tiveram tanta paciência em me responder através de cartas e e-mails, e que de certa forma, perderam alguma parte de seu tempo me atendendo inúmeras vezes ao telefone, só tenho o que agradecer. Este humilde trabalho é especialmente dedicado a eles.

¹ O grupo Legião Urbana continua sendo o maior vendedor de discos da gravadora EMI-Odeon brasileira.

² Cada vez mais os papéis perdem muito de suas características essenciais: no campo internacional, temos o cantor Bono Vox, da banda de rock irlandesa U2, que se destaca como líder de uma organização não governamental que luta pelo perdão da dívida externa dos países pobres; no Brasil, jogadores de futebol se colocam à frente de projetos sociais bem sucedidos, como é o caso de Raí e Lenonardo, com sua instituição filantrópica “Gol de Letra”.

³ Consegui estabelecer contato freqüente com nove fãs que faziam parte de fã-clubes, todos eles auto-intitulados ou “eleitos” como presidentes: cinco eram do estado de São Paulo, três de Minas Gerais e o outro de Santa Catarina.

CAPÍTULO I

A LEGIÃO URBANA NO CONTEXTO CULTURAL BRASILEIRO

A primeira rádio no Rio de Janeiro a tocar *Legião Urbana* seria a Fluminense FM, de Niterói, surgida em 1982. Esta rádio se tornaria pioneira ao lançar bandas brasileiras que tentavam um espaço no universo musical naquele período. O Brasil vivia um novo momento com a conquista da anistia no final dos anos 70, e a gradual abertura política. Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento *punk* ganhava a cada dia novos adeptos, com jovens pregando uma ruptura total com o sistema capitalista vigente. Era uma nova forma de fazer música, onde não havia a necessidade de saber tocar, mas sim, a de tirar do instrumento alguns acordes que servissem de fundo para letras gritadas, criticando instituições e personalidades públicas, aliada a um visual que combinava roupas rasgadas com cabelos coloridos, alfinetes no nariz e tatuagens. Mas aqui no Brasil o acesso às notícias e à música produzida por estes novos rebeldes, seria quase que exclusivo do pessoal que vivia em Brasília. Filhos de diplomatas e militares, além de funcionários públicos de instituições como o Banco do Brasil, caso específico de Renato Russo, esta juventude que perambulava pelo Planalto Central, iria se deleitar ouvindo o som de grupos como *Sex Pistols* e *The Clash*, através de material trazido de fora.

Enquanto isso, no Rio, uma banda com apresentações quase circenses, começava a dar uma injeção de ânimo na cena musical brasileira: era a *Blitz*, liderada por Evandro Mesquita, um misto de cantor, compositor e ator. O compacto de estréia com a canção “Você não soube me amar”, com apenas um lado, venderia 100 mil cópias, em três meses, um feito para a época. As rádios não cessavam de tocar aquela música de refrão fácil, e o público não demorou a

corresponder, elegendo aqueles jovens de aparência saudável como os ídolos de um novo tempo.

A casa de espetáculos Circo Voador, no bairro boêmio da Lapa e surgida no mesmo ano que a Rádio Fluminense, seria uma espécie de templo para aquelas pessoas que vislumbravam a possibilidade de extravasar energias tolhidas pelos anos da ditadura. É certo que a tal abertura ainda era algo frágil, basta lembrarmos que o próprio LP da *Blitz*, lançado meses depois do compacto, teria duas canções censuradas depois do álbum produzido, o que levaria a gravadora a inutilizar as faixas simplesmente arranhando os sulcos do disco. Mas o clima estava propenso para o surgimento destes novos artistas, e grupos como os cariocas *Barão Vermelho*, *Lobão e os Ronaldos*, *Léo Jaime e os Miquinhos Amestrados* (o líder, Léo Jaime era goiano), os paulistas *Titãs* e *Ultraje a rigor*, e o brasiliense *Paralamas do Sucesso*, iriam, no rastro de Evandro Mesquita e sua trupe, apontar para a nova direção da música popular naquele momento.

Vale ressaltar que todos estes artistas, com exceção talvez do *Barão Vermelho*, tinham o humor como tônica das canções e apresentações. *Ultraje a rigor* e *Léo Jaime*, por exemplo, além de fazerem o público dançar, provocavam gargalhadas com suas letras de duplo sentido. E os discos vendiam, na mesma proporção que as casas de shows começavam a ficar pequenas. E a boa recepção dos *Paralamas do Sucesso* no eixo Rio-São Paulo, iria estimular outras bandas do planalto central a fazerem o mesmo trajeto. É o caso da *Plebe Rude*, do *Capital Inicial* e da *Legião Urbana*. Os membros destas três bandas estabeleceriam entre si uma amizade muito forte, que incluía revezamento de músicos e composições em parceria. E serão as composições destes grupos que darão uma nova face ao rock brasileiro, com letras explorando temas políticos e questionando os poderes oficiais. Neste quesito ninguém iria fazer isso com a intensidade de Renato Manfredini Jr, ou melhor, Renato Russo.

Desde criança Renato já se mostrava uma pessoa obstinada, vivia surpreendendo aos pais e a sua irmã mais nova, Carmem Teresa. Parecia sentir necessidade de ser o melhor no que tentasse fazer. E levaria esta obstinação por toda vida. Em Brasília, mesmo sabendo ser a irmã melhor desenhista que ele, resolveu entrar em um concurso de desenho realizado na Cultura Inglesa em que a própria Carmem estudava. A família riu da petulância do rapaz. E riria de surpresa, ao ver, dias depois, o filho entrar em casa esbafoado, com a medalha e o livro do prêmio. Ganhara o concurso! Leitor voraz de livros, desde cedo aprendera inglês, por conta de uma estadia de dois anos nos Estados Unidos com a família, devido ao trabalho do pai. Esta dedicação ao idioma estrangeiro iria lhe abrir mais tarde as portas para um emprego de professor na Cultura Inglesa, com a idade mínima exigida para a função. O jornalista Arthur Dapieve, em sua biografia sobre o artista, destaca um momento importante deste período: “Quando, em 1978, o príncipe Charles, da Inglaterra, passou por Brasília em sua visita oficial de nove dias ao país – visita que ficaria célebre pelos passos de samba que o herdeiro do trono britânico arriscaria a dar com a passista careca Pinah, da Beija-Flor – um de seus compromissos era a inauguração da nova sede da Cultura Inglesa. Naquele dia 13 de março, o professor escolhido para saudar Charles Philip Arthur George Windsor, de 30 anos, num discurso de pronúncia impecável, foi Renato Manfredini Jr., a dias de completar 18 anos.” (Dapieve, 2000:19)

A juventude do futuro líder da Legião Urbana, passada em Brasília, iria trazer o contato com a música e a estética *punk*, o que o faria abandonar de vez o piano, onde ensaiava canções de grupos como *Emerson, Lake and Palmer*. A banda que iria mudar a concepção musical de Renato Russo viria da Inglaterra: “Quem lhe trouxera as boas novas (...) havia sido um professor da Cultura Inglesa, um escocês chamado Ian. De volta de um viagem às ilhas britânicas na virada de 1977 para 1978, ele falou de uma banda chamada *Sex Pistols*, que, entre outras coisas, havia chamado a rainha de ‘débil mental’ e fazia rocks viscerais de três ou quatro acordes.” (Dapieve, 2000:29)

Aos poucos Renato conseguia uma revista importada com reportagens sobre o grupo, um colega chegava de viagem trazendo algum disco, e aqueles contatos iam moldando o estilo musical que iria mais tarde, influenciar uma geração de adolescentes. Renato agora se dedicava a tocar baixo e violão.

A banda Legião Urbana se originaria de duas outras: o *Aborto Elétrico*, liderada por Renato, e *Dado e o Reino Animal*, do guitarrista Dado Villa-Lobos. Com uma formação oscilante a princípio, tempos depois estariam integrados Renato Rocha, conhecido como Negrette, baixista de extrema formação *punk*, e Marcelo Bonfá, um paulista cujo pai também era alto funcionário do Banco do Brasil. O *Aborto Elétrico* fazia um som direto e estridente, com temas considerados tabu para a época: drogas, violência policial, críticas ao sistema educacional. E arregimentava um pequeno mas entusiasmado grupo de fãs. A tragédia marcaria a história do *Aborto*, assim como a da banda que os influenciava, os *Sex Pistols*. André Pretorius, amigo de Renato e guitarrista do grupo, era filho do embaixador da África do Sul no Brasil, e não conseguia se conformar com a situação do pai servir a um regime racista e opressor. Ser convocado pouco depois da formação do *Aborto Elétrico* para servir ao exército sul-africano por dois anos selaria o destino de André de uma forma cruel: jamais seria o mesmo rapaz rebelde que fez amizade com Renato Russo apenas ao mencionarem a palavra “Sex Pistols”. Em sua volta a Brasília, depois de ter exercido o trabalho militar, andava cabisbaixo, incrivelmente triste. Assim como o baixista da banda inglesa predileta dos dois amigos, Sid Vicious, André morreria tempos depois de uma dose excessiva de heroína, na Alemanha. O golpe destas duas mortes acompanharia Renato Russo para sempre.

Depois de muitos ensaios e apresentações em Brasília, já com uma formação estável, a Legião Urbana decidiria tentar a sorte no Rio de Janeiro. Um show no Circo Voador na noite de 23 de julho de 1983, ao lado de *Capital Inicial* e *Lobão* seria a estréia da banda nos palcos cariocas. Pouco tempo depois começaria a tocar na Rádio

Fluminense sua *fita-demo* com as canções “Ainda é cedo” e “Geração Coca-cola”, sendo que esta última rapidamente se transformaria em uma espécie de hino para os jovens que entoavam os sucessos da *Blitz*. Aquela banda de Brasília trazia algo diferente nas letras, ainda que o som tirado dos instrumentos fosse bastante amador. Não demorariam muito a conseguir empresário e gravadora, tendo em vista o clima favorável ao lançamento de novas bandas. O primeiro disco da Legião, com 11 faixas, seria lançado em janeiro de 1985, no momento em que a mídia musical só falava em um assunto: O festival *Rock in Rio*, a ser realizado entre 11 e 20 de janeiro.

Não há nenhuma dúvida que este festival vai representar, no Brasil dos anos 80, um “divisor de águas” na estrutura dos shows de música. Com uma lista de artistas estrangeiros que incluía *Rod Stewart*, *Queen*, *Iron Maiden*, entre outros, as apresentações destes astros mundialmente conhecidos iriam mostrar que não haveria mais, depois do dia 20 de janeiro, espaço para o amadorismo que era uma das marcas do rock brasileiro emergente. Com exceção de Cazuza, a frente do *Barão Vermelho*, que se apresentou como se já estivesse acostumado a grandes públicos, a maioria dos shows brasileiros seria marcada pelo nervosismo. E pelas vaias. As milhares de pessoas que se dispuseram a encarar as dificuldades que era chegar ao local dos shows, estavam ávidas pelas apresentações internacionais, com grande expectativa em torno dos grupos do chamado rock pesado. Não foram poucos os artistas brasileiros que tiveram como recepção vaias e chuvas de pedras, tendo que antecipar o final de suas apresentações.

Passado o impacto do festival, os grupos brasileiros começariam a investir em instrumentos, em estúdios e alguns a recorrerem a produtores estrangeiros. A banda *RPM* inovaria usando um equipamento de iluminação com raio laser moderníssimo para os padrões da época, e fazendo nada mais que 270 apresentações do show *Rádio Pirata*. Na euforia inicial do Governo Sarney, seu disco venderia 2, 6 milhões de cópias, levando o vocalista Paulo Ricardo a ser tornar o símbolo sexual do momento. Mas o primeiro disco da Legião Urbana, ia, pouco a pouco, caindo no gosto do público, com músicas como “Será”, além de “Ainda é cedo” e “Geração Coca-cola”, tocando incessantemente



O conjunto em seu primeiro show

nas rádios. “Soldados”, com uma letra que tinha como tema a descoberta do amor entre dois homens no *front* de batalha, mostrava que o grupo tinha coisas diferentes a dizer.

O segundo disco, apenas intitulado *Dois*, lançado em julho de 1986, seria a consolidação do sucesso junto ao público, com as canções “Tempo perdido” e “Eduardo e Mônica”, sendo alçadas à condição de “clássicos” da banda. Depois deste disco, a vida não seria mais a mesma para os membros do grupo, que alcançavam o sonhado estrelato. Os shows com lotações esgotadas e confusões entre Renato Russo e o público seriam um fato comum na carreira da banda a partir deste momento. Com um temperamento para lá de explosivo, Renato não hesitava em interromper um show para repreender um fã que estivesse brigando com alguém ou que jogasse algum objeto no palco. Estes acontecimentos iam contribuindo para a construção, por parte da mídia, da visão do cantor como uma pessoa muito difícil. E que não evitava uma polêmica para defender suas idéias e o trabalho da banda. Já em 1985, declarava sem receios:

“Certas pessoas não estão dispostas ou então não tem capacidade de ouvir o que a gente fala. Quer dizer, ou então não gosta mesmo, preferem ouvir coisas mais leves (...) do que ouvir uma coisa um pouco mais realista, e o nosso trabalho é assim, mais ligado a coisas realistas e não em blau-blaus e Vaquinha *Mary Lou*, etc.” (Correio Braziliense, 17 de novembro de 1985)

Renato Russo queria se referir às canções “Meu ursinho Blau-blau” e “Marylou”, das bandas *Absyntho* e *Ultraje a Rigor*, respectivamente, que com suas composições bem humoradas agradavam muito ao público da época. Alguns astros da MPB, que começavam a esboçar críticas ao rock brasileiro que a cada dia ganhava mais espaço, não escapariam de seus comentários ácidos. É o caso do cearense Fagner:

“(...)eles falam muito mal do rock, principalmente o Fagner, que fala mal. Eu gostaria até de não comprar briga, mas eu gostaria de deixar uma coisa bem clara: o Fagner fala que o pessoal da geração dele tem mais cultura. Agora eu coloco justamente esta questão que o *Jornal do Brasil* falou: não é o Renato Russo que está falando, eu estou simplesmente repetindo uma coisa que eu achei um achado genial. O Fagner disse que o pessoal da geração dele tem mais cultura, mas pelo menos da nossa geração ninguém roubou poesia da Cecília Meireles para colocar em música sem pagar direito autoral. Então a gente tem a nossa cultura mas não faz esse tipo de coisas.” (Correio Braziliense, 17 de novembro de 1985)¹

O jornalista Tarik de Souza, do *Jornal do Brasil*, ao chamá-lo em um artigo de neo-Jerry Adriani,² não ficaria sem resposta:

“Olha, eu acho o Tarik um cara superlegal, mas ele entende é de MPB. Uma coisa que me irrita um pouco são pessoas de determinadas áreas falando de áreas que não são delas. Eu não entendo nada de MPB (...), eu não posso me meter a fazer crítica do disco do Moreira da Silva. O Tarik não tem base pra falar de rock.” (Correio Braziliense, 18 de fevereiro de 1986)

E atitudes do público como atirar objetos no palco se tornariam motivo de extrema irritação por parte do cantor, ficando como uma espécie de marca registrada:

“A gente tá falando: ‘Brigar pra que, se é sem querer’ [trecho da canção *Será*]. Já tinha tido um incidente com o Arnaldo [Arnaldo Antunes, um dos vocalistas do grupo paulista *Titãs*, atingido com uma garrafa durante uma apresentação] e eu falei: podem tacar uma bolinha de papel, se foi com má intenção, eu paro! Tá pensando o que? Eu não sou mártir, não tenho que ficar agüentando moleque mal resolvido.” (Revista *Bizz*, abril de 1986) [As inserções entre colchetes são minhas]

de *Legião Urbana* foi feita em casas noturnas, a de *Dois* em ginásios, a de *Que país é este* em estádios de futebol.” (Dapieve, 2000: 88)

A excursão de lançamento deste álbum, após o enorme sucesso das canções nas rádios, seria a confirmação do *status* de uma das maiores bandas do rock brasileiro. Todos os ingredientes necessários para a mitificação de um artista se encontravam presentes naquele momento. E o aspecto da tragédia, essencial para esta mitificação, mostraria sua face no show de 18 de junho de 1988, no estádio Mané Garrincha, em Brasília. O distrito federal literalmente havia parado para a apresentação da Legião, os meios de comunicação locais não falavam de outro

assunto. Filas para a compra de ingressos que se esgotaram em poucos dias, e muita expectativa antes do show, que ficaria marcado por seguidos incidentes. Durante a apresentação, um rapaz deficiente físico, de muletas, conseguiria romper o esquema de segurança e se atracar com Renato Russo no palco, dizendo-se curado do seu problema! Brigas entre o público, a violência dos seguranças, e a insistência de um grupo de jovens

O saldo oficial de 385 feridos e 64 ônibus destruídos faria com que o governo do Distrito Federal responsabilizasse Renato Russo por incitação do público à violência.

Se restava alguma dúvida quanto à permanência da Legião Urbana no cenário musical após os dois discos lançados, o terceiro viria para mostrar que aqueles rapazes de Brasília estavam escrevendo uma parte na história da música no Brasil. *Que país é este - 1978-1987*, trazendo canções do *Aborto Elétrico* aliadas à composições novas, comprovaria que mesmo não sendo grandes músicos, tinham talento e capacidade criativa para romper com certos conceitos do mercado fonográfico. A canção “Faroeste Caboclo”, com 159 versos trazendo alguns palavrões e duração de quase nove minutos, iria para o primeiro lugar em todas as paradas de sucesso, forçando modificações nas programações de rádios e televisão. Com o tempo que levava a “história de João de Santo Cristo”, as rádios podiam tocar três canções! E durante muito tempo, fosse no ônibus, nas escolas, no mercado, sempre havia alguém tentando entoar corretamente aqueles longos versos, numa demonstração que a Legião Urbana estava indo além do público roqueiro. O sucesso do disco *Que país é este* também mostraria que o tempo dos shows em casas noturnas era coisa de passado. É como diria Dado Villa-Lobos, o guitarrista da banda, meio assustado: “A excursão

em atirar bombas ao palco, tiraram totalmente o controle emocional de Renato, que, mais uma vez, depois de uma série de reprimendas aos fãs, decidiu interromper a apresentação. Só que desta vez o resultado seria de grandes proporções, com os jovens reagindo, depredando o estádio e queimando ônibus e carros nas redondezas. O saldo oficial de 385 feridos e 64 ônibus destruídos faria com que o governo do Distrito Federal responsabilizasse Renato Russo por incitação do público à violência. As paredes próximas à casa de seus pais amanheceriam pichadas com os dizeres: “Legião, não voltem nunca mais!” Para o cantor, que alardeava para todos o seu amor à Brasília, além de mergulhá-lo em uma profunda tristeza, aqueles acontecimentos contribuiriam em muito para a sua cada vez maior aversão aos

palcos. As apresentações agora seriam escassas, o que de certa forma, só servia para aumentar a expectativa de um público que só crescia.

Com o álbum *As quatro estações*, de 1989, trazendo a canção “Pais e filhos”, (com os versos “*é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã*”), e “Meninos e meninas”, em que Renato, pela primeira vez falava de forma direta sobre suas preferências sexuais, a Legião manteria o seu lugar no pódio da música jovem brasileira. As letras estavam cada vez mais pessoais, e as entrevistas, ainda que raras, tratavam de temas cada vez mais contundentes. Alguns jornalistas afirmam que neste período (início dos anos 90), o cantor teria confirmado, após uma internação, seu diagnóstico de portador do HIV. A depressão e as crises ficariam ainda mais frequentes. No dia 7 de julho de 1990, morreria vitimado pela Aids, Cazuzza, ex-vocalista do *Barão Vermelho*, e considerado por muitos como o outro grande poeta da música jovem, ao lado de Renato. A Legião Urbana daria neste mesmo dia um show no *Jockey Club* da Gávea, no Rio de Janeiro, após dois anos longe dos palcos cariocas. Como sempre, os organizadores não conseguiram prever o que significava uma apresentação da Legião Urbana para um público de devoção religiosa. Os 40 mil ingressos colocados à venda, mostraram-se já no final da tarde, insuficientes, forçando a organização a abrir os portões, para impedir uma possível tragédia. Calcula-se que 60 mil pessoas assistiram àquela apresentação, que ficaria como uma homenagem a Cazuzza. Nos próximos anos o sucesso da banda se manteria intacto, com um séquito de fãs cada vez maior.

O último show da Legião seria no dia 14 de janeiro de 1995, para a promoção do seu quinto disco (de estúdio), *O descobrimento do Brasil*. A casa *Reggae Night*, em Santos, lotada, assistiria Renato Russo cantar durante exatos 45 minutos deitado no palco, em protesto contra uma lata de cerveja atirada contra ele. A partir daquele acontecimento, todos, empresário e músicos, sabiam que nunca mais haveria uma apresentação ao vivo da banda. O cantor, a cada dia mais depressivo, passaria dias trancado em seu apartamento em Ipanema, sem dar notícias, sem

falar com ninguém. Rumores sobre o seu estado de saúde circulavam no meio especializado, mas nada era confirmado. A opção de Renato pelo homossexualismo agora era conhecida por todos, e pouco antes dos sintomas da doença aparecerem, ele fazia cada vez mais questão de se assumir publicamente. E participava com certa frequência de reuniões de ONGS que defendiam os direitos dos homossexuais, além de contribuir financeiramente com altas quantias.

Os comentários sobre sua saúde iriam aumentar muito mais após o disco *A tempestade*, lançado em setembro de 1996. A canção *A via láctea*, com versos como “Hoje a tristeza não é passageira, hoje fiquei com febre a tarde inteira / e quando chegar a noite, cada estrela parecerá uma lágrima”, era a forma encontrada de dizer ao público que seu ídolo não ia nada bem. Ao se negar posar para as fotos de divulgação do álbum, fato que já havia acontecido anteriormente durante o lançamento de seu disco solo gravado em italiano, Renato Russo dava as peças do quebra-cabeças para os jornalistas encaixarem e tirarem suas conclusões. Os boatos sobre suicídio também circulavam, alarmando amigos e fãs por todo o Brasil. Mas no dia 11 de outubro de 1996, pela manhã, todos os boatos se encerrariam: o vocalista da Legião Urbana morria, sozinho, aos 36 anos de idade, em seu apartamento em Ipanema, de infecção generalizada causada pela Aids. Estava pesando 45 quilos. O porta-voz da juventude brasileira se calava, entristecendo mais ainda um público que ainda não se refizera da morte trágica do grupo *Mamonas Assassinas*³.

Por vontade do cantor, seu corpo foi cremado e as cinzas espalhadas no sítio do paisagista Burle Marx, em Barra de Guaratiba, na zona oeste do Rio de Janeiro. Apesar da família optar pela discricção na despedida ao corpo do cantor, muitos admiradores se posicionaram em frente ao crematório e, entoando as canções do ídolo, prestaram ao seu modo, suas homenagens. As revistas e jornais do país dedicavam páginas e matérias especiais sobre o artista, as tvs exibiam especiais com depoimentos e shows. E as rádios voltavam a tocar *Legião Urbana* com a mesma

intensidade quando do lançamento de “Faroeste Caboclo.”

Em sua biografia do cantor, Dapieve nos dá alguns números: “No momento em que escrevo [seu livro, *Renato Russo – o trovador solitário*] manhã de 21 de julho de 2000, quase quatro anos após a morte de Renato, a Legião Urbana continua sendo a maior vendedora da EMI-Odeon brasileira. Mais de 12 milhões de discos de Renato, Dado, Marcelo e Negrete foram vendidos até hoje. Apenas os discos solo de Renato, em língua estrangeira, o que teoricamente dificultariam sua assimilação, já ultrapassam a casa do 1,5 milhão de cópias.” (Dapieve, 2000: 169) Para o mercado fonográfico nacional são números expressivos, se levarmos em conta o estilo musical da banda e a crescente queda nas vendas em geral. Para termos uma noção melhor, vale citar um artigo de Pedro Alexandre Sanches, publicado na Folha de São Paulo, de 28 de dezembro de 2001, intitulado “Indústria fonográfica emperra na marca de 1 milhão de cópias vendidas”:

“Acostumadas até há poucos anos com a venda desabalada de produtos de consumo rápido, as gravadoras de música brasileira saem de 2001 mais modestas do que entraram. Foi difícil ultrapassar a barreira de 1 milhão de cópias vendidas, e, no fim do ano, quem mais comemorou foi a Sony, que declarou se desincumbir em uma semana (antes do Natal) de 1,3 milhão de cópias prensadas do novo Roberto Carlos. Atrás dele vieram Zezé de Camargo & Luciano (1 milhão) e os pimpolhos do KLB (750 mil). Números excepcionais teve, na média, a jovem Abril Music, com Bruno & Marrone (1,5 milhão) e Falamansa (1,4 milhão). A Universal precisou do padre Marcelo Rossi (950 mil) e dos pixotes Sandy & Jr. (800 mil) para sonhar de longe com as

vendagens gigantes de anos recentes. A BMG foi mal, só batendo as 750 mil cópias com Leonardo; bem atrás dele ficou Ana Carolina (300 mil). *A EMI foi pior ainda, apelando de novo aos mortos (Legião Urbana, com 660 mil); com os vivos, não passou de 350 mil, do pagodeiro Belo. (...)*”

O jornalista Humberto Finatti sintetiza muito bem esta identificação dos fãs com o cantor: “Renato Russo bradava discursos irados contra as injustiças do mundo ou destilava letras sentimentais, impregnadas de uma poesia bela, ultrapassional e romântica, dissecando as dores da alma e do coração quando o amor não dava certo. Ou seja, Russo era uma espécie de ‘tiozão’ ou ‘irmão mais velho’, que *falava aquilo que a garotada queria ouvir. Tornou-se um guru, um messias para uma legião de adolescentes que procuravam um norte e que encontraram nas canções da Legião, um sentido para suas vidas sem direção*. Por isso, nunca mais deverá existir outra banda com a força e a importância que a Legião Urbana possuiu. Eles serão eternos, inesquecíveis e insubstituíveis.” (Revista Transamérica, número 22, dezembro de 1999).[Os grifos são meus]

¹ Renato Russo estava se referindo à canção “Canteiros”, um dos maiores sucessos de Fagner, que seria uma adaptação não autorizada de um poema de Cecília Meirelles.

² Alguns críticos insistiam muito numa suposta semelhança entre o tom de voz de Renato Russo e Jerri Adriani, que não agradava em nada ao roqueiro.

³ O grupo santista Mamonas Assassinas estava fazendo um estrondoso sucesso naquele momento, com canções impregnadas de humor que contagiavam a todos, e com seu álbum passando de dois milhões de cópias vendidas. O próprio Renato Russo, avesso a este tipo de composição, também divertia-se com os rapazes, empolgado com aquela vitalidade tão juvenil, e que ele não mais possuía. No entanto, um acidente aéreo encerraria prematuramente a carreira do grupo, no dia 2 de março de 1996. A morte trágica daqueles cinco rapazes que só viviam sorrindo abalaria o Brasil de norte a sul, fazendo chorar pessoas de todas as idades.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ADMIRADOR EXALTADO

A sociedade industrial cunhou o termo “fã”, uma forma reduzida da palavra “fanático”, para designar o indivíduo que tem uma dedicação, admiração ou amor exaltado por alguém, em geral ligado ao meio artístico. É muito provável que em algum momento de nossas vidas tenhamos passado pela experiência de eleger alguém como o “escolhido”, seja ele do nosso cotidiano, ou de um plano mais distante, como é o caso de um artista. Seriam dois tipos de admiração extrema, sendo que no primeiro, relacionado a alguém próximo, existe uma possibilidade de reciprocidade dos sentimentos; no segundo, será a inexistência desta possibilidade que confirmará sua condição, pois o contato físico com o artista dificilmente se dará de forma real. A esta admiração colocada na prática costumamos dar o nome de “idolatria”, ou seja, culto a um ídolo. Na impossibilidade de ter um contato direto com o artista, o fã busca estratégias que compensem a sua ausência física, e despende horas de seu tempo a colecionar fotos, recortes de revistas, gravações, tudo que o faça sentir a presença do ser adorado a qualquer momento. Aqui reside a grande diferença entre a pessoa que aprecia determinado gênero de trabalho artístico, e o fã. Para ficarmos apenas no terreno musical, uma pessoa pode ter uma discoteca com um número considerável de discos, entender sobre alguns gêneros, e sua relação se dar de forma direta com a música, ou seja, com o



trabalho do artista. A ela não interessa se o cantor foi preso portando drogas, ou se acabou de desmanchar seu casamento; são as canções o objeto exclusivo de seu interesse. Já o fã não separa trabalho e artista, ambos representam uma unidade. E é assim que qualquer notícia envolvendo um membro de sua banda predileta é capaz de lhe trazer alegria ou tristeza. O fã se importa tanto com a nova canção a ser lançada quanto com o acidente de carro envolvendo o ídolo. Para pensarmos melhor como se dá esta dinâmica, se faz necessária uma pequena análise de conceitos e idéias de alguns autores que procuraram, de uma forma ou de outra, tratar do tema.

Sabemos que a vida em sociedade será sempre caracterizada pela idéia de relação, ou seja, a própria existência da sociedade já pressupõe a relação, desejada ou não, entre os indivíduos. Sigmund Freud vai definir este indivíduo como um ser de *horda*, como alguém que sempre necessitará de uma liderança a lhe apontar os caminhos. O seu trabalho *Psicologia de grupo e análise do ego*, pode nos servir como espécie de texto-guia para uma tentativa de análise dos indivíduos inseridos em grupos. É importante frisar que não se trata aqui de afirmar o caráter coercitivo da liderança; a coerção é uma possibilidade, e não necessidade da relação entre líder e liderados. A proposta freudiana vai em confronto aos conceitos dos chamados “psicólogos das multidões”, muito debatidos na sua época, passagem do século XIX ao XX. Para Freud, autores como Gustave Le Bon (autor de *Psychologie des foules*) e McDougall (*The group mind*), fizeram um trabalho minucioso de pesquisa

dos grupos enquanto indivíduos reunidos, mas teriam desprezado um aspecto que deixava suas análises incompletas: o da liderança. Todo grupo social possui um líder, podendo ser ele um de seus membros, ou uma figura distante fisicamente, necessidade esta que é fundamental para a permanência do grupo enquanto tal. Este, sem um líder, reduz-se a uma multidão desorganizada, mera aglomeração de indivíduos com paixões conflitantes, sem nenhum freio.

O conceito de “instinto gregário” de Trotter é que vai servir de ponto de partida a Freud para a apresentação do indivíduo como alguém essencialmente de horda. Trotter acrescentava aos instintos considerados primários (o de auto-preservação, de nutrição e de sexo) o instinto gregário. A idéia básica é que o indivíduo traria consigo, como algo inato, a necessidade de estar em grupo, de confortar-se em seus semelhantes. Segundo Trotter, a criança deixada sozinha, ao se amedrontar com a solidão, já daria provas da existência deste instinto. O exemplo dado pelo autor é posto abaixo na análise de Freud: “O medo mostrado pelas crianças pequenas quando são deixadas sozinhas, e que Trotter alega constituir já uma manifestação

do instinto, (...) sugere mais facilmente uma outra interpretação. O medo relaciona-se à mãe da criança e, posteriormente, a outras pessoas familiares, sendo a expressão de um desejo irrealizado, que a criança ainda não sabe tratar de outra maneira, exceto transformando-o em ansiedade. O medo da criança, quando está sozinha, tampouco é apaziguado pela visão de qualquer fortuito membro da grei; pelo contrário, é criado pela aproximação de um estranho desse tipo.” (Freud: 1976 [1921], 129) Ou seja, o ponto de referência da criança seria a mãe, ou alguém de seu meio familiar. O indivíduo, desde a mais tenra idade, vai necessitar de referenciais para dar direção aos seus passos, para seguir na vida com os seus semelhantes. Depois de adulto, estes referenciais vão sendo substituídos, mas continuarão como essência da vida em sociedade.

“Todos os membros devem ser iguais uns aos outros, mas todos querem ser dirigidos por uma só pessoa. Muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, e uma pessoa isolada, superior a todos eles: essa é a situação que vemos realizada nos grupos capazes de subsistir. Ousemos, então, corrigir o pronunciamento de Trotter de que o homem é um animal gregário, e asseverar ser ele de preferência um animal de horda, uma criatura individual numa horda conduzida por um chefe.” (Freud: 1976 [1921], 131)

Freud faz em seguida uma análise de dois grupos, classificados como “artificiais”: o exército e a igreja. A importância do líder é enfatizada ao extremo, em oposição direta aos estudos dos

psicólogos da multidão. O exército em guerra, diante da morte ou captura de seu general, perde o rumo, entra em pânico, ficando muito próximo da derrota. A certeza da queda do líder tem o impacto de um ataque fulminante entre os soldados. Se vasculharmos com atenção os livros de História encontramos com facilidade inúmeros exemplos que podem nos

Há casos de personagens de histórias em quadrinhos que também são capazes de movimentar multidões de seguidores

confirmar esta idéia relacionada ao exército enquanto grupo. Quanto à igreja, Freud cita um romance inglês, *When it was dark* (Quando estava escuro), de Guy Thorne, publicado em 1903, para imaginarmos o fenômeno de dissolução de um grupo religioso: “O romance, que pretende relacionar-se com os dias de hoje, conta como uma conspiração de inimigos da pessoa de Cristo e da fé cristã teve êxito em conseguir que um sepulcro fosse descoberto em Jerusalém. Nesse sepulcro encontra-se uma inscrição em que José de Arimatéia confessa que, por razões de piedade, retirou secretamente o corpo de Cristo de sua sepultura, no terceiro dia após o sepultamento, e enterrou-o naquele lugar. A ressurreição de Cristo e sua natureza divina são dessa maneira refutadas e o resultado da descoberta arqueológica é uma convulsão na civilização européia e um

extraordinário aumento em todos os crimes e atos de violência, os quais só cessam quando a conspiração dos falsificadores é revelada.” (Freud: 1976 [1921], 109-110)

Estes exemplos, apresentados de forma breve, nos ressalta a pertinência da convicção que o liderado deve ter na existência do líder, do “seu” referencial, e que não necessariamente deve ser um indivíduo. A relação de um torcedor com o seu time representa bem este modelo: o torcedor tem um identificação com o grupo representado nas cores da camisa, no hino do clube, nas conquistas diante do adversário. Neste caso, não se trata de uma admiração a um jogador específico, pois este, por mais admirado que seja, cada vez mais tende a ser substituído (seja pelo avançar da idade ou pelo interesse de outros clubes), e esta substituição não abala a paixão da torcida, que permanece intacta¹. “Os jogadores passam, o clube fica”, costumam dizer os torcedores mais apaixonados.

Há casos de personagens de histórias em quadrinhos que também são capazes de movimentar multidões de seguidores. O processo de identificação do leitor com o personagem se constrói na seqüência dos episódios, e pode desencadear relações semelhantes às citadas no texto de Freud. Umberto Eco em “O mito de Superman” analisa este processo a partir das histórias de personagens como Superman, Batman e Robin, entre outros. A empatia do público leitor com seu super-herói (ou personagem) predileto se dá em um ritmo crescente, sempre apoiada na certeza da existência. O consumidor de revistas em quadrinhos quer, a cada exemplar, uma aventura em que seu herói enfrente seus inimigos e no final, seja sempre o vencedor. Não passa pela sua cabeça a idéia de, em um combate, por exemplo, Batman ser assassinado pelo Pingüim, ou Superman por Lex Luthor: a vitória sobre os inimigos será o pressuposto para a continuidade da sua relação de adoração. Os personagens ganham vida própria, e seu criador pode, muitas vezes, ver-se envolvido em dilemas quando toma certas decisões quanto ao destino destes. Eco cita exemplos em que autores resolveram por algum

motivo, “matar” determinado personagem, e a reação do público é de contrariedade: milhares de cartas na redação da revista, estudantes universitários fazendo “um minuto de silêncio”, artigos nos jornais, e como resultado, o autor se vendo forçado a ir às rádios, dar entrevistas sobre a sua escolha! Os laços de união, e aqui podemos pensar nos “grupos artificiais” de Freud, são rompidos e os leitores perdem seu referencial: “... no caso das estórias em quadrinhos, trata-se de uma reação muito mais maciça de uma comunidade de fiéis, incapaz de suportar a idéia do desaparecimento repentino de um símbolo que até então encarnara uma série de aspirações. O histerismo provém da frustração de uma operação empatizante, uma vez que passa a faltar o suporte físico de projeções necessárias. Cai a imagem, e, com ela, caem as finalidades que a imagem simbolizava. A comunidade dos fiéis entra em crise, e a crise não é só religiosa mas também psicológica, porque a imagem revestia uma função demasiado importante para o equilíbrio psicológico dos indivíduos.” (Eco, 1979: 246)

Do que foi dito acima, é importante destacar dois pontos:

- 1- As relações entre líderes e liderados, exige apenas que o séquito seja composto de indivíduos, com gosto e vontade próprios – o líder pode estar em outro nível, além do individual. Casos como o do torcedor e o time de futebol e o do leitor e seu super-herói predileto são exemplos desta idéia. Ou seja, a liderança não é necessariamente exercida por indivíduos.
- 2- As relações entre estes dois lados estão fortemente baseadas na certeza, por parte dos liderados, da existência do líder. Estas relações têm características próprias do universo em que se insere tal relação, podendo apresentar algumas diferenças, mas todas conduzem à situações parecidas: no mundo do futebol, as relações do torcedor com o time adquirem ares de cobrança sempre

que a equipe vai mal, mas ele não consegue se ver sem o time de coração. “Eu teria um desgosto profundo, se faltasse o Flamengo no mundo”, cantam os milhares de flamenguistas numa voz única nos estádios. A inexistência do time jamais entra como possibilidade nestas relações. Já o soldado, se quisermos pensar no grupo artificial de Freud mais uma vez, segue quase mecanicamente as ordens de seu general, não havendo espaço para cobranças por parte dos subordinados: a voz do líder é a voz da Pátria, cabe apenas ao soldado obedecer. E é este o seu desejo, cumprir à risca as ordens do seu general, pois é ele o seu ponto de referência no campo de batalha. Perdê-lo é perder-se, vagar sem rumo a espera do inimigo. É o “desgosto profundo” do torcedor...

Ainda que reconheçamos, de uma maneira geral, a perda como fator determinante para o possível desmantelamento do grupo, no mundo artístico esta pode servir como reforço na continuidade das relações. Sendo a relação “fã e ídolo” uma relação entre indivíduos, a perda é neste caso representada de forma plena através da morte física. E muitas vezes esta morte irá se constituir em motivo para intensificação da adoração. Se o ídolo já possuía o *status* de alguém especial, quase não humano em vida, agora ele se inclui no rol dos semi-deuses, e o culto permanente por parte de seu séquito será a confirmação desta sua condição singular. José Carlos Rodrigues em seu trabalho intitulado “Quando a morte é festa”, exprime bem esta idéia do ser único, e de uma forma muito feliz, utiliza-se do termo “superpessoas” para definir estes ídolos diante da morte: “Tais superpessoas estão a meio caminho entre deuses e mortais: a morte representa sem dúvida uma curvatura deles diante das forças hostis do mundo. Mas, ao mesmo tempo, por virtude desta curvatura, ganham finalmente o absoluto, quer dizer, a *imortalidade*. No momento da morte, principia a *vitória deles*

sobre a morte.” (Rodrigues, 1992:59) [Os grifos são meus] Portanto, no caso do ser que é objeto de culto, a morte vai representar uma nova etapa na escala das relações, e sendo assim, esta partida não é, de forma nenhuma, sem volta. A perda ocorre apenas no nível físico.

Aqui observamos que se as análises de Freud e Eco enfatizavam os aspectos da necessidade de certeza na existência da figura do líder (seja ele o general, Jesus Cristo ou Superman), devemos dar um passo além se quisermos compreender melhor como se estabelecem as relações dadas entre os admiradores de um artista que morre de forma prematura ou não, como é o caso do vocalista da Legião Urbana. Podemos pensar a morte nestes casos como representando o início de uma vida nova, de novas relações. Não há mais a presença física, aquela certeza na existência concreta, mas ficam as lembranças, resta a obra. E será justamente a impossibilidade de dissociar obra e artista que vai confirmar o caráter de idolatria por tanto tempo após a sua morte. O conhecimento de detalhes da vida do ídolo, além da constante admiração pelos trabalhos realizados (sejam estes, canções, filmes, fotos), formam uma unidade com a imagem eternizada na lembrança. No caso dos músicos idolatrados na sua grande maioria por jovens, a tragédia tem papel pertinente no reforço a este sentimento, ou seja, a morte, de uma forma ou de outra, sempre esteve (e estará) presente. Qualquer loja especializada em produtos de rock no país, tem na lista das camisetas mais vendidas as que trazem estampados os rostos de Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison, Raul Seixas, Renato Russo². Se analisarmos as biografias de todos estes artistas, ao mesmo tempo em que percebemos características especiais que os distingue das pessoas ao seu redor desde a infância, fica fácil também reconhecer que o elemento da tragédia vai permeando muitos acontecimentos em seu dia a dia, até interromper a trajetória através da morte (física) de forma abrupta. Será característica da mitificação póstuma a morte não esperada, ainda que presente enquanto possibilidade. A opção por um ritmo de vida intenso, e que passa muitas vezes pelo consumo de drogas, serve como argumento para

a rotulação destes artistas por parte de setores da sociedade (um público e mídia mais conservadores) como “malditos”, “drogados”, “loucos”, etc. Se por um lado a consagração através de shows e da venda de discos representa a garantia de uma vida extremamente confortável, por outro, a vida pessoal parece tentar assemelhar-se ao conteúdo de muitas das letras eternizadas pelos fãs. O próprio Renato Russo sintetizou bem esta idéia na canção “Love in the afternoon” em que diz “é tão estranho, os bons morrem jovens...”

Janis Joplin, por exemplo, teria passado toda sua infância sofrendo humilhações por parte dos colegas em todos os colégios onde estudou – era uma espécie de pária na pequena cidade de Port Arthur, no sul do Texas. Com forte tendência a engordar, seu corpo era motivo de piada entre os rapazes; na adolescência seria votada em uma estranha eleição como a jovem mais feia da escola. Nem o posterior sucesso alcançado nos anos sessenta como cantora de *blues*, atenuaria a dor originada nestes anos. Janis mergulharia fundo numa vida sexual desregrada, no álcool e na

heroína. Os amigos não conseguem lembrar de muitos momentos em que a viram feliz, sempre a tinham nas recordações como uma jovem amargurada e muito triste. Uma dose excessiva de heroína a mataria no dia 4 de outubro de 1970, num quarto de hotel. Estava sozinha.³ Jimi Hendrix, até hoje considerado o maior guitarrista de todos os tempos, já teria morrido poucos meses antes, da mesma causa, e também sozinho. Assim como Jim Morrison, vocalista do *The Doors*, como Elvis Presley, e tantos outros ídolos da juventude. No momento da morte, a solidão, grande contradição a acompanhar a vida destas “superpessoas”...

Desde o seu surgimento que o rock popularizou-se como um estilo musical marcado por mortes trágicas e prematuras. Acidentes automobilísticos e aéreos, *overdoses*, suicídios, e mais recentemente, a AIDS, interromperam muitas carreiras de sucesso mundo afora. As décadas de 60 e 70, de certa forma imprimiram esta marca ao rock, se levarmos em consideração a quantidade de músicos mortos, na sua grande maioria, de doses excessivas de drogas neste



período⁴. Cantar os efeitos de drogas como LSD e a heroína⁵ tornou-se comum nestes anos, assim como morrer de seu uso inadequado⁶. O universo composto em torno destes artistas (empresários, músicos de acompanhamento, fãs) passaria a conviver com a idéia da morte sempre como uma grande possibilidade. A partir do final dos anos oitenta, a AIDS também colhia de forma devastadora vidas no mundo musical, como Freddy Mercury, vocalista da banda inglesa *Queen*, e no Brasil, Cazuza e Renato Russo. O assassinato de Jonh Lennon na porta de sua residência confirma o “trágico” como elemento na sua trajetória, mesmo sendo uma forma de morte atípica no mundo artístico. O que temos, portanto, é a desnaturalização da morte como a consolidação do *status* de “superpessoa”, de imortal.

Um acontecimento envolvendo a morte de um ídolo geralmente mobiliza diversos setores da sociedade, não apenas seus fãs, e a mídia, de acordo com o sucesso do artista, destaca espaços nos seus programas e publicações, e procura focalizar todos os detalhes da vida daquele ser tão adorado. E como os meios de comunicação vivem da novidade, logo um outro fato ocupará o espaço daquela morte tão comentada. É no coração do fã, que lamenta aquela morte como se fosse a de um familiar querido, que a dor vai se prolongar diante da idéia de jamais assistir a um show, nem ouvir nas rádios uma música nova do seu artista predileto. Diante do desafio de perpetuar na memória de novos fãs o trabalho de seu ídolo, surge a necessidade de compartilhar seu material, e de certa forma, mostrar que aquela morte não foi em vão: o roqueiro autêntico, eternizado pelo trinômio “sexo, drogas e rock’n’roll”, morto de forma prematura e trágica, no auge do sucesso, apenas confirma as características essenciais das relações no universo que gira em torno do gênero musical conhecido como *rock*.

Não se pode dizer que estes artistas desejavam morrer no auge do sucesso, com tantos frutos ainda por colher. Não se trata de uma escolha pela morte. O universo que gira em torno destes ídolos é que clama por mortes trágicas, pois uma

das suas maiores atribuições é ser uma fábrica de mitos. E dentro da chamada indústria cultural, a idéia de mitificação passa indiscutivelmente pela morte, ou pelo desaparecimento voluntário (como o caso de Greta Garbo, por exemplo). Esta adoração pelo ídolo morto de forma trágica encontra paralelos na história das civilizações, e não há nada de novo na sua situação, a não ser as formas de morrer. Em muitos aspectos tal situação assemelha-se à do herói homérico, na Grécia Antiga: ser considerado como tal estava condicionado a morrer em combate, no auge da juventude - ou seja, era algo para a posterioridade. Jean Pierre Vernant, no trabalho *A “bela morte” de Aquiles*, salienta que haviam duas formas de morrer para o homem grego: uma, que o relegava ao esquecimento, seria a morte na velhice, natural; a outra, em combate, na linha de frente, em plena juventude, que resultaria na glória. Tratava-se de uma oposição entre “esquecimento” e “glória”, determinante no mundo grego. A idéia de relação surge clara: “Numa sociedade de confronto onde, para se fazer reconhecer, é preciso sobrepujar seus rivais, numa contínua competição pela glória, cada um está sob o olhar do outro, cada um existe a partir deste olhar. Se é o que os outros vêem de si.” Portanto o herói vive e morre para o amanhã, para ser lembrado de geração em geração, para ser cantado pelos poetas. O alcance da condição heróica, da “glória imperecível”, passa pelo confronto direto com o inimigo, pela morte no esplendor da juventude, a “bela morte”. A “(...) glória imperecível, é, na bela morte, o extremo de uma honra acima de todas as honras, relativas e transitórias, da qual um vivente pode se orgulhar. O *agathos aner*, o homem de bem, o homem de coração, obtém com a morte heróica um status especial: mortalidade e imortalidade, ao invés de se oporem, se associam à sua pessoa e se interpenetram.” Morrer na velhice estabelece o caráter dos homens comuns, ou seja, humaniza. O herói é considerado como tal, justamente pela idéia contrária: por ter morrido precocemente. Nossos ídolos de hoje parecem trazer um pouco desta carga dramática dos gregos... Analisando com certa distância, não teremos muitos artistas lembrados até hoje, mais pela forma com que morreram do que por seu trabalho propriamente dito?

O poeta a cantar a bravura do herói grego ficou no passado, assim como o descendente que se

envaidecia contando as aventuras de um ancestral. Foram substituídos pelos seguidores não mais ligados a laços familiares; a proximidade física, como se dava na Grécia homérica, não é mais um quesito para a identificação entre as pessoas. A relação estabelecida hoje entre o seguidor e o líder se dá por inúmeras vias (discos, livros, televisão), e apesar de ter consciência de que é apenas parte de um séquito, para o seguidor a mensagem que vem do líder é uma dádiva exclusiva. A canção interpretada pelo cantor no palco, “atinge” a audiência como um todo, mas também a cada um dos presentes, seja de maneira intensa ou não. Uns dançam; outros ficam indiferentes. Mas alguém sempre dirá que aquela canção estava sendo interpretada para ele, afinal, o cantor lhe emitia sinais, olhava-o nos olhos - cantava realmente para ele. Uma mensagem que parte do indivíduo e é direcionada a outro, mas que só é bem sucedida se alcançar a coletividade, o grupo. Para pensarmos melhor a noção de morte na idolatria, é importante destacar os pontos essenciais desta relação, quando o fã tem os primeiros contatos com o ídolo ainda vivo.

Relação de sentimentos não correspondidos, a idolatria se caracteriza pela idéia de um indivíduo que é adorado por um grupo. O ídolo não sabe quem são seus fãs, não os conhece por nome, percebe-os como uma multidão de iguais. O fã conhece todas as músicas do ídolo, sabe detalhes de sua vida particular, festeja seus sucessos. E mais: sonha com um possível contato com o seu cantor predileto, deseja conhecê-lo pessoalmente, nem que seja por um breve momento. Este desejo de encontro com o ídolo é um dos principais pontos da obra de Maria Claudia Coelho, *A experiência da fama – individualismo e comunicação de massa*. A autora discute a relação de idolatria em torno de atores de televisão. Partindo de um conjunto de cartas de fãs enviadas a estes atores⁷, Coelho nos ajuda a compreender aquilo que chama de “a

condição de fã”. Na ânsia de ser reconhecido pelo ídolo como um fã diferente dos outros, ele elabora estratégias na busca pela singularização. Nesta busca, emaranha-se ainda mais nas semelhanças, pois todos têm o mesmo desejo, e daí surge o dilema que irá acompanhá-lo: “Esse dilema transforma-se em um paradoxo no exato momento em que o fã tenta solucioná-lo. Recorrendo a diversas estratégias de singularização (...) o fã mergulha cada vez mais fundo em sua condição anônima. Esse paradoxo cristaliza-se na recorrência do uso da expressão ‘fã número um’(...) É justamente no momento em que o fã se esforça para ser diferente que ele se iguala (...)”(Coelho,1999: 61) Esta relação, segundo Coelho, teria como essência a assimetria: muitos que desejam ser reconhecidos em sua

condição passional, ou ao menos serem vistos; um que, no seu *status* de super-pessoa, deve manter-se isolado da multidão, confirmando sua singularidade. A análise feita sobre as cartas expõe esta essência, pois enquanto os fãs gastam tempo elaborando frases de efeito com o intuito de fazer-se notar pelo ídolo, este nem ao menos dá-se ao trabalho de respondê-las. Pedidos de

**O fã conhece
todas as músicas do
ídolo, sabe detalhes
de sua vida
particular, festeja
seus sucessos.**

fotos com dedicatória, uma simples frase, um autógrafo, tudo isso se perde em envelopes que muitas vezes nem chegam a ser abertos. A admiração ao ator, ligada quase plenamente à imagem (seja impressa ou em vídeo-gravações), dá à foto autografada um caráter especial, que ultrapassa o seu sentido original: “(...) a insistência em receber uma foto autografada deve ser entendida como parte de um pedido mais ambicioso. A foto autografada atesta o recebimento da carta, e mais ainda, pode também desempenhar o papel de uma resposta, estabelecendo alguma reciprocidade na relação” (Coelho, 2000:59). Uma frase destas cartas sintetiza a idéia: “Enquanto não recebo resposta continuarei a trabalhar ativamente à frente do seu fã-clubes, sem perder as esperanças de receber uma

foto, um bilhete, algo que me assegure que recebeu e leu esta carta.”(Idem) Mesmo que o material desejado por fãs de artistas ligados ao mundo musical possuam diferenças em relação aos do mundo das telenovelas⁸ (fonte do estudo de Coelho) todos eles sonham com o dia em que poderão encontrar seus ídolos, encontro este bastante improvável⁹, pois não há reciprocidade na relações de idolatria.

Teríamos, portanto, o fã convivendo com dois desejos: um, o de ter tudo a respeito do ídolo (fotos, reportagens, vídeos, etc.), e outro, o de estabelecer um contato, nem que seja ao menos para um aperto de mão, um abraço. Porém, a idéia de reciprocidade, tão desejada nas relações de idolatria, perde toda a razão de ser quando o artista morre. O fã, mergulhado em sofrimento diante do fato, sabe que agora não há para quem escrever cartas, não há mais shows para assistir. Resta-lhe tudo o que ficou produzido e a admiração de outros fãs, que serão suas motivações para continuar em frente. Na comunhão com seus iguais encontrará sua principal base de conforto. O fã-clubes acaba se tornando o ponto de referência para qualquer assunto relacionado com o ídolo. A paixão do outro funciona como reforço à sua, e uma vez somadas, o desejo passa a ser sua propagação. É neste sentido que todo membro de um fã-clubes trabalha com o intuito de divulgar a obra do artista entre os que pouco a conhecem, exercendo um papel semelhante ao dos missionários religiosos. O ídolo passa a ser para o fã, mais que um artista, mas uma causa a ser defendida. E não há como se lutar por uma causa solitariamente.

No capítulo seguinte procuro apresentar, através de histórias de fãs da Legião Urbana, fatos que podem confirmar os argumentos acima. Assim como a idéia do termo “legião” pressupõe, seus fãs avançam e conseguem manter a popularidade de seu ídolo em alta entre os mais jovens, barrando qualquer possibilidade do “seu trono” ser tomado.

¹ O jogador idolatrado pela torcida, ao se transferir para um clube rival, leva consigo não só os seus dribles e belas jogadas, mas todo um universo de símbolos que o identificava com os torcedores. Ainda que permaneça o desejo, por parte destes, pelo seu retorno, a tendência é que a cada vez que entre em campo para enfrentar o seu antigo clube, seja o mais hostilizado possível, através de insultos e faixas com dizeres agressivos. Uma prova de que a paixão pelo clube, ultrapassa os limites do indivíduo. Ver Helal, Ronaldo & Coelho, Maria Claudia. “Modernidade e tradição no futebol brasileiro: o caso Bebeto”. In.: *Pesquisa de campo – revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ* – Número 2, 1995.

² Durante esta monografia, fiz visitas a algumas destas lojas, e pude confirmar que a camiseta mais vendida entre as de artistas brasileiros era a de Renato Russo, e entre os estrangeiros, a de Kurt Cobain, o líder da banda americana *Nirvana*, que se suicidou com um tiro na cabeça. Ambos são seguidos a certa distância por Raul Seixas, Jim Morrison e Jonh Lennon. Todos mortos.

³ Ver Myra Friedman, *Enterrada viva – a biografia de Janis Joplin*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

⁴ Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison e Brian Jones, o guitarrista do Rolling Stones que disputava com Mick Jagger a preferência das fãs, morreram todos nesta década.

⁵ Os *Beatles*, com a clássica “Lucy in the Sky with Diamonds”, e os *Rolling Stones*, com “Brown Sugar” (como também é conhecida a heroína), consagraram o tema das drogas como recorrente nas letras de muitas canções do gênero. Jonh Lennon, posteriormente em carreira solo, comporia uma das mais explícitas canções tratando dos efeitos da dependência de heroína: “Cold Turkey”, que descreve o estado de um viciado em um período de abstinência da droga.

⁶ Ver McNeil, Legs & McCain, Gillian, *Mate-me por favor – uma história sem censura do punk*. Porto Alegre: Ed. L&PM, 1997.

⁷ Coelho teve à sua disposição um conjunto de quase trezentas cartas de fãs cedidas por dois dos dez atores que entrevistou. No momento em que as cartas foram enviadas, ambos tinham papéis principais em novelas, gozando de enorme popularidade.

⁸ Os fãs de artistas musicais têm sempre a possibilidade de adquirir a gravação de um show de maneira “clandestina” – as feitas em início de carreira, sem recursos, costumam ser as mais apreciadas. Assim como o fã da atriz deseja uma foto autografada, o do cantor quer a gravação de um show a que poucos assistiram. A “posse” desta gravação lhe garante o status de um fã com “algo mais” que os outros, como aquele que possui a foto com dedicatória, autografada, da atriz principal da telenovela.

CAPÍTULO III

HISTÓRIAS DE FÃS

“Como quase todos os jovens dos Estados Unidos, eu gostava de Elvis, embora não com o fanatismo de muitas de minhas amigas na Escola Secundária Del Valley. Todas tinham camisas de Elvis, chapéus de Elvis e meias soquetes de Elvis, além de batons em cores como ‘Hound dog orange’ e ‘Hearthbreak Pink’. Elvis estava em toda parte, nas figurinhas de goma de mascar e em bermudas, em diários e carteiras, em fotografias que brilhavam no escuro. Os garotos na escola começavam a tentar parecer com ele, com os cabelos penteados para trás, com muita gomalina, costeletas compridas e golas levantadas. Havia uma garota tão louca por Elvis

que dirigia o seu fã-clube local. Ela disse que eu poderia ingressar por 25 cents, o preço de um livro que encomendara para mim pelo reembolso postal. Ao recebê-lo, fiquei chocada ao deparar com uma fotografia de Elvis autografando os seios de duas garotas, um ato sem precedentes na ocasião. E depois o vi na televisão, no *Stage Show*, de Jimmy e Tommy Dorsey. Ele era sensual e bonito, olhos profundos e mediativos, lábios espichados, sorriso insinuante. Ele avançou para o microfone, abriu as pernas, inclinou-se para trás e dedilhou a guitarra. Pôs-se a cantar com extrema confiança, remexendo o corpo numa sensualidade desenfreada. Contra a vontade, eu em senti atraída.”¹

O depoimento acima descreve os primeiros contatos de Priscilla Beaulieu, uma jovem americana de quatorze anos à época, com o ídolo Elvis Presley. Num caso atípico nos relacionamentos entre fã e ídolo, Priscilla se casaria mais tarde com Elvis, e teriam uma vida em comum durante dezoito anos. É interessante perceber como o comportamento do cantor a chocava e ao mesmo tempo a atraía, “contra a vontade”. Dançar da forma como



ele dançava e dar autógrafos nos seios das fãs eram motivo para ataques de setores da conservadora sociedade americana, que viam no cantor um expoente da rebeldia juvenil, uma verdadeira ameaça aos valores tradicionais daquele período. O rebolado de Elvis, proibido de ser mostrado na televisão (os programas só deveriam focalizá-lo da cintura para cima), renderia-lhe o apelido de Elvis, *the Pelvis*, e faria sua fama ultrapassar as fronteiras dos Estados Unidos.² Hoje, vinte e cinco anos após sua morte, Elvis ainda é adorado em boa parte do mundo, e a mansão em que viveu se transformou num verdadeiro santuário, visitado diariamente por centenas de pessoas.

Na música brasileira ainda não tivemos um artista que tenha alcançado o sucesso internacional da forma que Elvis alcançou. Produtos com a sua “marca” até hoje movimentam, de forma impressionante, milhões de dólares em todo o mundo. São admiradores de todas as idades possíveis, que ajudam a perpetuar a obra daquele a quem acostumamos chamar de “O rei do rock”. Um título dado a um, por muitos. Ainda que a mídia tenha um papel importante nestas definições (“rei do rock”, “rei do soul”, etc), será o fã quem “eternizará” o ídolo (e sua obra), indiferentes ou não ao papel da mídia.

Este capítulo se resume a três pequenas histórias, com o intuito de apresentar alguns aspectos do

cotidiano de fãs que optaram em dedicar um tempo de suas vidas para a adoração de seus ídolos através de fã-clubes. São jovens que procuram organizar encontros, festas,

estabelecer contatos, tudo que tenha relação com a Legião Urbana e

que sirva como pretexto para extravasarem paixões e conhecimentos. Esta opção,

como foi dito na introdução, segue a linha do trabalho *Writing women's worlds – bedouin stories*,

de Lila Abu-Lughod, que aponta novos caminhos para

a produção do texto etnográfico. Abu-Lughod, teria

passado quase dois anos em uma comunidade beduína

do Egito, e do contato estabelecido com o

grupo, publicou o livro *Veiled sentiments – honour and poetry in a Bedouin society*. Ao

optar por um enfoque mais teórico nesta obra, a autora se viu deixando

de lado histórias de vida que possuíam detalhes riquíssimos

para uma compreensão maior do dia a dia daquela comunidade,

e que não podiam, segundo ela própria, permanecer em seu

arquivo particular. Estas histórias, além do livro, deram

origem a um projeto antropológico que tem como iniciativa

dar voz aos membros do grupo estudado, diminuindo assim, a

participação do autor no texto³.

Depoimento 1

Verônica Rangel é uma jovem catarinense de 18 anos, que trabalha como modelo e estuda odontologia. Também faz estágio em um consultório na capital, sonha em ser dentista. Como toda jovem, além dos sonhos, tem alguma

desilusões. Parece não gostar muito do universo da moda que a cerca, segundo ela cheio de intrigas e disputas particulares, centralizado na busca frenética pela boa forma. Isso a faz ter muitas vezes vontade de desistir do serviço, de apenas estudar; reconhece, porém, que é com o dinheiro que ganha posando para fotos que consegue pagar a faculdade. Além de estudar odontologia e trabalhar como modelo, Verônica tem uma outra atividade que a enche de prazer e orgulho: preside um fã-clubes da Legião Urbana, chamado *Depois da Tempestade*. Com 306 sócios espalhados pelo Brasil, o grupo se dedica fervorosamente a divulgar notícias sobre seus ídolos e a promover discussões em torno de acontecimentos envolvendo os mesmos. O veículo principal para estas atividades é a *internet*. Verônica e os outros membros da direção do fã-clubes (Fê, Daniel e Rafinha) toda semana selecionam um tema para ser apresentado aos outros sócios em seu *site*, na intenção de saber e divulgar o posicionamento de todos nos assuntos referentes aos ídolos. Um dos últimos temas era a aprovação, por parte da gravadora do grupo, para que uma música deles fosse incluída na trilha sonora de uma telenovela.

Os fãs concordavam ou não? A grande maioria, conhecedora da opinião de Renato Russo sobre a Rede Globo, reprovava a atitude da gravadora: “Se Renato fosse vivo, jamais aprovaria!!!” era a frase mais repetida. E este assunto era exaustivamente debatido nas salas de bate-papo, e na troca, muitas vezes diárias, de *e-mails*.

Os quatro “diretores” do fã-clubes dizem-se apaixonados por poesia: costumam realizar colóquios na faculdade onde estudam, no intuito de apresentar e discutir versos de Russo e de autores admirados pelo cantor. Segundo Verônica, estes encontros estão sendo o maior sucesso na faculdade, com as salas sempre lotadas. Alguns professores começam a dar apoio.

“O nosso trabalho é uma missão de perpetuar a obra da Legião entre os mais jovens. Muita gente só conhece as músicas que estão no *Acústico* [álbum póstumo]. Elas têm que ouvir o trabalho todo, pra perceber a importância da Legião pra música brasileira, pro rock. Pô, quase todo mundo já gravou Legião [Verônica fala sobre outros artistas que teriam gravado canções do



grupo]. Sinceramente, não vejo a possibilidade de surgir um cantor que consiga captar os nossos sentimentos da forma que Renato conseguiu. Essa coisa nossa, de adolescente, sabe? Não tem como, ele é único. E será único pra sempre.”

Quando tem algum problema no emprego ou na faculdade, Verônica costuma entoar baixinho a frase “a vida continua e se entregar é uma bobagem”, trecho de uma canção de Russo. É a sua predileta. As músicas da Legião seriam um estímulo especial para a jovem enfrentar seus problemas:

“Tem aqueles dias que tudo é cinza, tudo tá horrível, daí você ouve Legião e percebe que não está sozinho, que muita gente passou ou está passando pelo mesmo estado que você, sabe? (...) Eu sou modelo, e esse é um mundo diferente... daí tem dias que você quer se jogar pela janela e deixar tudo para trás e de repente vem alguém te falando que ‘a vida continua e se entregar é uma bobagem’... São coisas simples mas que às vezes precisamos ouvir e ninguém nos disse... Como o Renato falou em uma entrevista: ‘Tem grupos que

gostam de dizer que ‘mulher é tudo vaca’, nós precisamos dizer que ‘ter bondade é ter coragem’...’ então essas pequenas mensagens são capazes de grandes mudanças... Pode parecer loucura, mas é a realidade que eu sinto, sabe?”

Depoimento 2

André Bueno tem quinze anos e estuda em um colégio particular de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Adora Geografia e História e torce o nariz diante da palavra “Química”. O grande desafio que enfrenta neste momento é conseguir conciliar seu tempo entre estudar as matérias em que não vai muito bem, e reunir o material que precisa para a manutenção de mais um fã-clubes da Legião Urbana. Sua mãe não cansa de recomendar: “Deixa esse ‘negócio’ de Renato Russo pra suas férias! Você vai repetir de ano!” André reconhece que os pais pagam as mensalidades do colégio com certa dificuldade, mas sua paixão pela banda está falando mais alto. E os colegas de turma lhe cobram sobre o andamento do fã-clubes, principalmente as carteirinhas, já que lhe



entregaram as fotos solicitadas. Ele responsabiliza a demora na entrega por um problema em seu computador: “Este troço adora me deixar na mão nas horas em que eu mais preciso dele”, diz, entre um sorriso e outro. Não esconde o orgulho em falar de seu fã-club, o “Trovadores Urbanos”:

“Somos o primeiro fã-club da Legião de nossa cidade, e todos querem fazer parte dele. Estamos com o projeto da camiseta, pra colocar pra vender e levantar um dinheiro para ajudar na nossa manutenção. Estamos coletando material com um pessoal lá de São Paulo, acredito que nosso site já estará no ar lá para o mês que vem! A princípio vai ser uma página bem simples, depois a gente vai melhorando...”

Com muita insistência, André conseguiu que a mãe reservasse um espaço na garagem para a sede do fã-club. Uma mesa, seis cadeiras e um sofá antigo dividem espaço com dois violões, um aparelho de som, e cds e posters da Legião Urbana. Há uma lista na parede com os nomes de cantores e grupos que podem ser tocados naquele aparelho, todos artistas que Renato também admirava: The Smiths, Beatles, os grupos de Brasília... A gravação que no momento está fazendo o maior sucesso entre a turma é uma fita-cassete “muito mal gravada” contendo um show do Aborto Elétrico, no distrito federal. Eles não se cansam de ouvir a todo volume antigas versões de canções que mais tarde seriam sucesso em todo o país. Dona Ivone, a mãe de André, surge de vez em quando na porta: pede para que abaxem o som. Eles concordam, mas basta que inicie alguma de suas músicas

prediletas, para que o som toque mais uma vez no volume máximo.

Aos sábados, André costuma reunir os membros do fã-club, para juntos, tocarem violão e reunirem todo o material coletado durante a semana sobre o grupo, seja em jornais, revistas e *internet*. Leila, uma fã, chega com a notícia de um novo livro sobre Renato Russo⁴. Já começam a fazer planos para comprá-lo. Na sede há uma pequena prateleira reservada para material impresso da banda como revistas e livros, e um bem cuidado álbum de fotos e recortes. Por votação, definiram como próxima prioridade do fã-club, a compra de uma televisão de 29 polegadas.

“A gente tá com planos de a cada mês exibir alguma coisa da Legião... aqui na sede mesmo... shows, especiais de tv, estas coisas. E de outros artistas que influenciaram eles também! O Juliano tem uma cópia de *Syd e Nancy*⁵. Minha mãe já autorizou. Ela só não quer ouvir falar nesse negócio de comprar a televisão no nome dela. A gente tá vendo se consegue comprar à vista, mas tá muito cara... vai ter que ser na prestação mesmo... O irmão da Leila, talvez... A gente vai começar a levantar uma grana este mês ainda... Tem muita gente que gosta da Legião aqui, mas não tem acesso às novidades... a gente, por ter computador, tá sempre mais por dentro, consegue material...”

“Deixa esse ‘negócio’ de Renato Russo pra suas férias! Você vai repetir de ano!”

André e seus colegas acabaram se tornando uma espécie de “consultores musicais”: nos intervalos, ficam cercados por outros jovens, que solicitam uma gravação de um álbum do Sex Pistols, a letra de uma “certa música” da Legião... Só resta saber



como ficará o andamento do fã-clube depois do boletim final de André e Leila: ambos foram reprovados em Física e em Química.

Depoimento 3

Leonardo Marinho, um paulista de dezenove anos, trabalha em uma loja de instrumentos musicais, no bairro do Bexiga. Sua namorada, Aline, que está grávida de sete meses, decidiu abandonar os estudos na semana passada. Com dezesseis anos e cursando a sétima série, ela queria dedicar mais tempo à gravidez, a cuidar do enxoval e do quarto do bebê. Leonardo a princípio não concordou com a opção dela em interromper os estudos, mas a promessa de retorno assim que a criança deixasse de amamentar o convenceu. Aline era estudiosa, queria se formar em letras. O casal costuma percorrer as ruas de São Paulo sempre de mãos dadas, orgulhosos daquela barriga que cresce a cada dia. Os dois se vestem com camisetas pretas, estampando o rosto de Renato Russo e trechos de suas canções. Bem-humorados, já escolheram

“Faço tudo pra ter tudo do Legião”

o nome do filho (a ultrasonografia feita ontem confirmou o sexo masculino): Renato, uma homenagem clara ao ídolo. Foi a paixão pelo trabalho da Legião Urbana que os uniu. Ele conta:

“Eu tinha enviado um anúncio para a ShowBizz, querendo me corresponder com legionários, trocar material, informações. Cara, depois deste anúncio eu recebia carta todo dia. Tem carta que até hoje não respondi. Carta de não sei quantos anos atrás... A carta da Aline me chamou atenção porque tinha um poema que ela havia feito pro Renato Russo. Carta feita a mão... Eu adorei, amei. Ela escreve muito bem, e tem a letra bonita. E morava pertinho também. Nos conhecemos assim, sem mais nem menos, eu tinha prometido tocar pra ela no violão a música que eu tinha feito em cima do poema dela. Numa festa na casa do Almir, que também é do fã-clube, eu toquei pra ela... Acho que foi amor à primeira vista... (...) E todo mundo do fã-clube dá força, meus pais... O nosso “pra sempre”⁶ nunca vai acabar, não...”

Leo (como gosta de ser chamado), dirige um pequeno fã-clube do Legião Urbana, com sede

em um quarto espaçoso de sua casa. Recebe apoio incondicional dos pais, ambos antigos fãs da banda. Foi o contato com o disco “Dois”, em vinil, de seu pai, que o despertou para aquela admiração desenfreada. “Faço tudo pra ter tudo do Legião”, afirma, sempre com Aline ao seu lado. O quarto do bebê já está pronto. Na parede ao lado do berço há um quadro de Renato Russo, vestido de preto, segurando um buquê de flores. Apesar do casal não ter decidido onde irão se estabelecer, os cuidados da mãe de Leo em reservar um quarto para o futuro neto apontam para a casa do rapaz. Os pais de Aline são separados e se enfrentam há três anos em um conflito judicial. Ela diz que a canção “Pais e filhos” foi feita em sua homenagem⁷. Faz planos para breve:

“A gente sonha com uma festa assim que o bebê chegar, depois que eu tiver andando, legal. O contato dele com a Legião vai ser logo nos primeiro dias, na primeira semana. No nosso caso a gente vai poder falar que a paixão legionária passou de pai pra filho, por três gerações! Por enquanto!! O Almir [membro do fã-club e melhor amigo de Leo] já pintou uma camisetinha pequenininha pro neném, preta, com o rosto do Renato. Pra minha felicidade ser completa, meus pais vão voltar [Aline fala sobre a separação dos pais] quando olharem para o netinho, pequenininho. Quando eles tiverem entrando eu vou colocar ‘Pais e filhos’, eles sabem que eu adoro essa música, que eu falo que é a minha música, sempre falei... Eles vão voltar a morar juntos, tenho certeza.”

Um tempo depois, Leo fala eufórico ao telefone sobre o nascimento do filho. Sua casa vive em festa, com os membros do fã-club e familiares enchendo o bebê de presentes. No entanto, pouco se ouve a música que vem do aparelho de som, situação diferente de meses atrás, em que o volume permanecia no máximo. “A gente vai acostumando o ouvido dele aos poucos”, diz. O ponto triste a destacar é sobre o pai de Aline:

“ele foi embora para o Rio de Janeiro, sem fazer questão de conhecer o neto.”

Percebe-se um dado em comum entre estas três histórias, que seria a forma com que estes fãs vêm o trabalho mantido à frente de seus respectivos fã-clubes: como uma verdadeira missão. Seja enfrentando problemas de ordem profissional (Verônica), educacional (André) ou familiar (Leo e Aline), todos eles se dispõem a buscar tempo em suas vidas, na intenção de tornar a obra de seu ídolo mais conhecida entre os mais jovens. O curioso é que nenhum deles jamais teria assistido a uma apresentação ao vivo da banda; tiveram o contato com as canções através dos pais (caso de Leo), da irmã mais velha (como Verônica) e do álbum *Acústico* (caso do fã mais novo, André). Todos têm convicção da singularidade de Renato Russo, não acreditam na sua substituição - daí julgarem ser de tanta importância o trabalho dos fã-clubes. E uma vez estabelecido o contato com os novos fãs, dá-se o processo de continuidade da adoração, reforçada no entusiasmo típico adolescente.

¹ Presley, Priscilla B. & Harmon, Sandra. *Elvis e eu*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.

² *Idem*.

³ Ver Caldeira, Teresa Pires do Rio. “A presença do autor e a pós-modernidade em antropologia”. *In.: Novos estudos – Cebrap – número 21 – julho de 1988*.

⁴ Trata-se de *Depois do fim – Vida, amor e morte nas canções da Legião Urbana*, de Angélica Castilho e Erica Schluder, lançado recentemente pela Editora Hama.

⁵ Longa metragem que conta o romance de Syd Vicious, baixista do Sex Pistols, com Nancy Spungen, ambos mortos por overdose de heroína.

⁶ Aqui Leo faz uma alusão à canção “Por enquanto”, onde Renato Russo canta: “Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar, que tudo era pra sempre, sem saber, que o pra sempre, sempre acaba”.

CONCLUSÃO

Penso que de acordo com os argumentos das páginas anteriores, o que fica como possível conclusão caminha para uma situação que Michel Maffesoli define como “o retorno das tribos”. Por mais que os meios de comunicação insistam em destacar a necessidade do indivíduo de ser diferente, singular, as condições do próprio ambiente industrial e urbano em que vive trata de empurrar este mesmo indivíduo para algum grupo (ou “tribo”). Maffesoli destaca o surgimento, a partir destas relações cada vez mais grupais, de um novo *ethos*. Não é uma questão de opção apenas, e isto vale tanto para o fã, que se vê, na ausência física do ídolo, buscando consolo entre seus iguais, quanto para o próprio ídolo, quando morre prematuramente, com tanto ainda por aproveitar: “O indivíduo não é, ou não é mais, mestre de si. Ele o é, na verdade, mas à maneira daquele que recita um texto escrito por outra pessoa. Ele

pode acrescentar a entonação, com mais ou menos calor, eventualmente introduzir uma réplica, no entanto ele continua prisioneiro de uma forma que ele não pode, em nenhuma hipótese, modificar por vontade própria.” (Maffesoli: 2000, 8) Morrer de formas similares acaba sendo uma prova que a genialidade de qualquer artista, tão reverenciada, não lhe confere uma condição singular plena, como muitos imaginavam: vidas singulares, mortes semelhantes.

Ao fã o caminho da reunião com seus iguais lhe confere a condição de membro de um grupo determinado: a identificação entre os indivíduos, que antes era baseada em laços familiares, na proximidade física, passa a se dar a partir de seus gostos e preferências, sejam eles ligados ao vestuário, à prática de esportes, aos gêneros musicais. E estes gostos passam a romper os elos



que os originaram: passamos então a falar em estilos de vida. O gênero conhecido como *punk rock*, a princípio uma saída para os roqueiros que pouco sabiam sobre acordes musicais, torna-se um universo a apontar maneiras de se vestir, surge toda uma literatura marginal a tratar de questões e temas que giram em torno das drogas, filmes são produzidos a partir desta estética. E o individual tão valorizado na sociedade industrial perde-se com a tendência cada vez maior da necessidade de pertencimento a um grupo.

A influência de certos artistas no comportamento da juventude do meio urbano é um excelente objeto de estudos, ainda que tenha merecido pouca atenção por parte do mundo acadêmico. O fenômeno da idolatria pode ser uma ótima oportunidade para a compreensão das relações entre os indivíduos numa sociedade como a nossa, fortemente influenciada pelos meios de comunicação. Nossos ídolos trazem muito de nossos anseios, ou seja, não o que possuímos, mas justamente aquilo que nos falta. Não se trata entretanto de definirmos estes fãs apenas como jovens necessitados de algo que não conseguem expressar facilmente por palavras. É possível que o desejo de muitos deles esteja representado (no caso do nosso trabalho) nas letras de Renato Russo. E muito provavelmente a atitude deles em buscar respostas através de letras e depoimentos do artista não seja tão diferente da daquele estudioso que se debruça horas seguidas sobre as obras de Karl Marx ou Émile Durkheim. É neste sentido que o ensaio de Joli Jenson intitulado “Fandom as pathology: the consequences of characterization”, trata de retirar o rótulo atribuído ao fã de alguém que se guia apenas pela paixão desenfreada por seu ídolo. Que sua admiração classificada como exaltada é determinante no seu cotidiano não resta dúvidas, mas esta, de forma nenhuma, impede-o de ter uma vida como a de qualquer jovem. Assim como os interesses dos membros dos diversos grupos sociais não os impedem de dar continuidade às suas vidas. A condição de fã não é tão diferente da do colecionador de objetos de arte, nem daquele que aprecia uma boa ópera, diz Jenson. O problema, segundo a autora, é que existiria uma

tentativa da parte dos próprios meios de comunicação de apresentar este fã como alguém obcecado por seu ídolo. A indústria cinematográfica teria grande papel nesta definição¹ negativa, aliada à uma imprensa ávida em dar destaques ao número de mortos em algum show de rock, pisoteados ou por excesso de drogas. E o mundo acadêmico teria seguido pelo mesmo caminho que Jenson aponta, a meu ver corretamente, como equivocados. Idolatria não é sinônimo de obsessão.

Vale ressaltar que o engajamento de artistas conhecidos mundialmente nas questões dos povos menos favorecidos (o caso de Bono Vox, cantor do U-2 é emblemático) retira estes rótulos negativos de ambos os lados: o roqueiro passa a ser visto como não apenas alguém de talento que usa substâncias ilegais, mas como uma pessoa preocupada com seu semelhante; o fã, conhecedor e de alguma forma influenciado pelos atos do ídolo, passa a não se guiar apenas pela rebeldia contra tudo e todos. É neste ambiente que as mensagens de alguns artistas ganham dimensões que vão além das imaginadas quando foram criadas. E enquanto umas passam, outras permanecem incrivelmente atuais. A história da música pop comprova esta idéia através da trajetória de alguns de seus maiores ídolos.

Temos, portanto, os dois principais “atores” da relação de idolatria – o ídolo e o fã - desempenhando papéis que são interpretados individualmente, mas definidos a partir do coletivo, do grupo. Partindo da idéia de que estes ídolos podem representar algo de que sentimos falta, tentar entender a dinâmica destas “tribos” pode ser uma chave para entendermos o próprio meio social em que vivemos.

¹ Maria Cláudia Coelho em *A experiência da fama* destaca dois longa-metragens que apresentariam o fã como um psicopata, disposto a tudo para conquistar a atenção do ídolo: *The fan* (O fã – obsessão cega), de 1981, e *Misery* (Louca Obsessão), de 1990.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- MAFFESOLI, Michel – *O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.
- COELHO, Maria Cláudia – *A experiência da fama – Individualismo e comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- FREUD, Sigmund. “Psicologia de grupo e análise de ego”. *In.: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976.
- JENSON, Joli. “Fandom as pathology: the consequences of characterization”. *In.: Adoring audience*. Londres: Ed. Routledge, 1992.
- ECO, Umberto. “O mito do superman”. *In.: Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.
- RODRIGUES, José Carlos. “Quando a morte é festa”. *In.: Revista COMUM – número 9*. Rio de Janeiro: FACHA, 1985.
- DAPIEVE, Arthur. *Renato Russo – o trovador solitário*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2000.
- VERNANT, Jean Pierre. “A bela morte de Aquiles”. *In.: GAUTHERON, Marie (Org.) Honra: imagem de si ou dom de si – um ideal equívoco*. Porto Alegre: Ed. LP&M, 1992.
- PRESLEY, Priscilla B. & HARMON, Sandra. *Elvis e eu*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1986.
- ABU-LUGHOD, Lila. *Writing women’s worlds: Bedouin stories*. Berkeley: The University of California Press, 1993.



Edições Astro-Síntese
<http://www.astrosintese.hpg.com.br>
astrosintese@ieg.com.br